

**RECEPÇÃO DA OBRA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO NA
FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ENSINO BÁSICO: RESULTADOS DE UM
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARÁ, CAMPUS DE MARABÁ, A PARTIR DA AÇÃO DA “CARAVANA DE
LEITURA MONTEIRO LOBATO”, REALIZADA EM NOVEMBRO DE 2008,
PROMOVIDA PELA FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E
JUVENIL**

Patrícia Aparecida Beraldo Romano¹

Em sete de novembro de 2008, Marabá, cidade localizada no sudeste do estado do Pará, recebeu, no auditório da Universidade Federal, a Caravana de Leitura Monteiro Lobato, uma iniciativa da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil em parceria com o Instituto Votorantim com o intuito de promover a leitura da obra infantil de Monteiro Lobato junto aos professores da rede de ensino. Assim como Marabá, outras sete cidades brasileiras (Goiânia-GO, Dourados-MS, Macau e Baraúna-RN, Rio Branco-AC, São Luís-MA, João Pessoa-PB) foram contempladas com a realização de palestras e debates que contaram com a presença de especialistas no autor taubateano.

Marabá contou com a presença de Roger Mello, escritor e um dos atuais ilustradores da obra de Lobato, e da professora e escritora Socorro Acioli, autora de dissertação de mestrado sobre a figura da boneca Emília. Como na época, a Casa da Cultura, responsável local pela organização do evento, procurava por professores interessados em participar da mesa-redonda e eu lecionava a disciplina de Literatura Infantojuvenil, fui convidada a fazer parte dos debates. Essa participação acabou por estender a discussão para a sala de aula, e no conteúdo dessa disciplina, em semestre posterior, resolvi aumentar o número de obras de Lobato a serem lidas e trabalhadas. O resultado foi muito gratificante. Alunos --futuros professores-- se deliciaram com as leituras da saga da turminha do Sítio do Picapau Amarelo e sugeriram que formássemos um grupo de estudos. Nascia, no segundo semestre de 2009, o GELIJ (Grupo de estudos e pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil).

Preocupado em escrever livros nos quais as crianças pudessem morar, Monteiro Lobato dedicou boa parte de sua vida à produção de narrativas que passaram a

¹Universidade Federal do Pará (UFPA — Campus de Marabá)

encantar não somente os pequenos leitores, mas também o leitor adulto e exigente. Em busca de produzir uma literatura que fosse além das moralidades e ufanismos do início do século XX, o escritor, a partir de *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920), construirá uma obra infantil que fará toda diferença na história da literatura infantojuvenil brasileira:

A grande revolução operada por Monteiro Lobato na literatura infantil brasileira decorre de sua postura inovadora, da relação de respeito que tinha com seu jovem leitor. Ele constata aquilo que os demais autores ainda não tinham percebido: a criança é um ser inteligente e capaz de juízos críticos. Deste olhar sobre o leitor partem as inovações propostas por Lobato e que inauguraram uma nova trilha nos caminhos da produção literária orientada para a criança e o jovem (SILVA, 2008:104).

Para Lobato, o pequeno leitor é merecedor de respeito e a oferta de leitura que a ele se faz deve ensiná-lo a pensar e a questionar o mundo de forma crítica. Isso está presente ao longo de todas as obras infantis, seja na figura de dona Benta, a mediadora de leitura responsável por levar conhecimento aos pequenos netos, seja na de Emília, a boneca eternamente questionadora e crítica. A título de exemplificação, vejamos alguns exemplos, o primeiro, presente em *O Minotauro*(1939) e o segundo, em *Fábulas* (1943):

A Grécia, meus filhos, foi o Sítio do Picapau Amarelo da antiguidade, foi a terra da imaginação às soltas, por isso floresceu como um pé de ipê. A arquitetura e a escultura chegaram a um ponto que até hoje nos espanta. O pensamento enriqueceu-se das mais belas idéias que o mundo conhece – e deu flores raríssimas, como a sabedoria de Sócrates e Platão...(LOBATO, 2003:14)

O sabuguinho assoprou e disse:

— Na minha opinião, as fábulas mostram só duas coisas: 1ª) que o mundo é dos fortes; 2ª) que o único meio de derrotar a força é a astúcia. Essa da Liga das Nações [referência à última fábula contada por dona Benta], por exemplo. Os animais formaram uma liga, mas que adiantou? Nada. Por quê? Porque lá dentro estava a onça, representando a força, e contra a força de nada valeram os direitos dos animais menores. Bem que a irara fez ver o direito desses animais menores. Mas nada conseguiu. A onça respondeu com a razão da força. A irara errou. Em vez de alegar direito, devia ter recorrido a uma esperteza qualquer. Só a astúcia vence a força. Emília disse uma coisa muito sábia em suas *Memórias*...

— Que foi que eu disse? –perguntou Emília, toda assanhadinha e importante.

— Disse que se tivesse um filho só lhe dava um conselho: “Seja esperto, meu filho!” Se não fosse a esperteza, o mundo seria de uma brutalidade sem conta...

— Seria a fábula do lobo e do cordeiro girando ao redor do sol que nem planeta, com todas as outras fábulas rodando ao redor dela que nem satélites –concluiu Emília dando um pinote.

Dona Benta calou-se, pensativa (LOBATO, 2008a: 117-118).

Na primeira citação, vemos apenas uma das inúmeras explicações que dona Benta oferece aos picapauzinhos e, conseqüentemente, ao pequeno leitor, a respeito da Grécia Antiga para onde ela e a turminha se dirigem depois de aspirarem ao pó mágico do pirlimpimpim. Vão em busca de tia Nastácia que tinha sido seqüestrada pelo Minotauro em *O Picapau Amarelo*. A busca pela cozinheira do sítio parece ser apenas o mote para um saboroso passeio pela história da antiga civilização grega e para os mais inesperados encontros com Péricles e sua esposa Aspásia, Sócrates, Fídias, além de uma rápida passagem pelo tempo em que Hércules iniciava seus doze trabalhos. Tudo isso servido com saborosas explicações históricas oferecidas por dona Benta, numa linguagem acessível e com exemplos sempre pertinentes ao pequeno leitor.

A segunda citação é o trecho último da obra *Fábulas*, em que a turminha, ao final de cada contação feita por dona Benta, comenta, questiona e discute a moralidade do texto ouvido. Com algumas concordam, com outras, discordam ou mesmo recriam a moralidade a partir do contexto a que elas, crianças, pertencem. O trecho apresentado é a resposta do visconde ao questionamento de dona Benta sobre o que eles todos tinham aprendido com as fábulas. O boneco, para expressar sua opinião, recorre à última fábula contada, a da “Liga das Nações”, mostrando o quanto era necessário ser astuto para vencer os mais fortes. Na verdade, a referência intertextual à obra *Memórias da Emília*, feita pelo visconde, dialoga com a situação de opressão pela qual o próprio boneco passa nas mãos da boneca falante, cuja astúcia, nessa obra, faz com que o visconde seja obrigado a redigir as memórias dela, mesmo que contra a vontade dele.

A conclusão a que a boneca chega, tanto em *Memórias*, quanto nas *Fábulas*, faz dona Benta silenciar e pensar e, por conseqüência, também faz o pequeno leitor agir dessa forma.

Além disso, não podemos esquecer o trabalho intertextual tão freqüente nas obras de Lobato, seja em relação a outras obras do Sítio, seja a outros clássicos da literatura universal. Ainda lembrando a citação última de *Fábulas*, vale a pena dirigirmo-nos às *Memórias da Emília* e vermos o trecho em que dona Benta, mais uma vez, cala-se diante das conclusões filosóficas da bonequinha de pano. Emília está sendo questionada a respeito da confecção de suas memórias, se nelas contaria, de fato, “a verdade pura, da dura” (LOBATO, 2007: 12), conforme ela afirmara. Dona Benta ri e comenta:

— Verdade pura! Nada mais difícil do que a verdade, Emília.

— Bem sei – disse a boneca. — Bem sei que tudo na vida não passa de mentiras, e sei também que é nas memórias que os homens mentem mais. Quem escreve memórias arruma as coisas de jeito que o leitor fique sabendo uma alta idéia do escrevedor. Mas para isso ele não pode dizer a verdade, porque senão o leitor fica vendo que era um homem igual aos outros. Logo, tem de mentir com muita manha, para dar idéia de que está falando a verdade pura.

Dona Benta espantou-se de que uma simples bonequinha de pano andasse com idéias tão filosóficas.

— Acho graça nisso de você falar em verdade e mentira como se realmente soubesse o que é uma coisa e outra. Até Jesus Cristo não teve ânimo de dizer o que era a verdade [...]

— Pois eu sei! — gritou Emília. — Verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia. Só isso.

Dona Benta calou-se, a refletir naquela definição, e Emília, no maior assanhamento, correu em busca do Visconde de Sabugosa. Como não gostasse de escrever com a sua mãozinha, queria escrever com a mão do Visconde” (idem, ibidem, 12-13, grifos nossos).

São, portanto, preocupações com assuntos até filosóficos, como os apresentados, que fazem dos textos lobatianos fontes de conhecimento que chegam ao pequeno leitor de forma saborosa, para lembrarmos Barthes. As discussões levantadas pelo escritor não menosprezam o leitor de pouca idade, ao contrário, valorizam a capacidade de questionar o mundo a partir de temas, até então, considerados adultos. Não podemos nos esquecer da obra *A Chave do Tamanho*, cuja temática mais imediata, dentre outras nessa obra presentes, é a que versa sobre a Segunda Guerra Mundial.

Preocupada com as conseqüências da Segunda Grande Guerra, Emília resolve tomar um pouco do superpó e ir à Casa das Chaves, no Fim do Mundo, para desligar a chave da guerra e por fim a tanta desgraça. Por engano, desliga a chave do tamanho e todas as pessoas do mundo, inclusive ela, Emília, têm seu tamanho reduzido 40 vezes. Assim reduzidos, uma “Nova Ordem” de vida surge e para a ela sobreviver todos teriam de se adaptar a essa nova condição. Ao retornar ao Sítio, a boneca descobre que lá todos também estavam pequenos, menos o visconde e com ele fará viagem aos mais importantes países do mundo para averiguar a situação das pessoas. Apequenados e nus (afinal, as roupas eram apenas enormes objetos inúteis e até perigosos) os seres humanos de todas as partes do planeta precisavam encontrar novas formas para sobreviver, criar novas sociedades e pensar na nova posição que passavam a ocupar como miniaturas num mundo de objetos e animais gigantes. Portanto, o “apequenamento” e o “desnudamento” das personagens, segundo Valente (2009), representava uma nova relatividade das coisas, já que todas as realizações e descobertas humanas deveriam ser reconsideradas. Assim, percebemos o quanto Lobato avança, ao

tratar de um tema tão caro à humanidade, voltado ao pequeno leitor, proporcionando-lhe, inclusive, uma experiência de ver e ler o mundo por outra perspectiva.

Emília, como sempre, é tratada de forma peculiar. Responsável direta pela nova (des)ordem, acaba por perceber que essa nova perspectiva poderia ser mais interessante do que a primeira, afinal, nela, os seres diminutos, antes tamanhudos, devem passar a enxergar que o poder é relativo quando a questão é o tamanho. E a bonequinha vai ser a primeira a perceber isso. Vejamos:

“Oh, estupidez humana”, pensou Emília. “Será que essa gente supõe que o gato vai reconhecê-los e continuar bonzinho como era?” Explicou-lhes isso e aconselhou-os a procurar refúgio. Mas quem pode com a burrice de certas criaturas? Ninguém acreditou em suas palavras. Riram-se. Até o major Apolinário riu-se –pela primeira vez depois do apequenamento.
[...]

O Major não entendeu. Era a burrice em pessoa. Achou aquele sermão com cara de “coisa de livros”. Nesse momento o Manchinha miou novamente mais perto.

Emília não quis saber de mais nada. Agarrando as duas crianças correu a esconder-se numa rachadura do cimento.

Foi a conta. A enorme carantonha de um gato gigantesco surgiu à porta da varanda. Miou várias vezes, como quem está aflito em procura dos donos. Depois, dando com os três insetos no degrau da escada, aproximou-se, no perigoso andar de gato que enxerga barata” (LOBATO, 2008b, 38-39).

Assim, para Emília, era necessário se adaptar rapidamente à nova ordem caso as pessoas quisessem sobreviver, pois gatos, galinhas, passarinhos e pintos, antes bichos caseiros e mansos, tornavam-se perigosíssimos para a espécie humana. Portanto, muito mais do que peripécias de uma boneca, com *A Chave do Tamanho* Lobato cria

Uma história em que o relativismo é a chave não só para propiciar a experiência de um mundo sob outra perspectiva, mas também, e sobretudo, é a chave que permite o rompimento dos limites entre a realidade e a fantasia, garantindo ao leitor a franca entrada no ‘mundo da ficção’ – ou no mundo da realidade, caso saibamos o que isso significa” (VALENTE, *op.cit.*: 467).

A nossa discussão, nesse ponto, retoma o início. O objetivo nosso ao apresentar esses excertos é o de mostrar como temos olhado para as obras infantis de Monteiro Lobato. Queremos levar nossos alunos—futuros professores—a conhecerem a obra infantil (caso não tenham sido dela leitores na infância) e a discutirem a recepção dessa obra, seja por parte deles mesmos, alunos-professores, seja por parte dos futuros alunos desses alunos-professores.

Pensamos que Lobato continua atual e queremos levar o seu texto para a sala de aula a fim de recuperar todo seu empenho por produzir uma literatura altamente lúdica e rica em conhecimento.

Em 2010, já fizemos as leituras das seguintes obras em nosso grupo de estudos: *Reinações de Narizinho, Fábulas, Viagem ao Céu, O Saci, Caçadas de Pedrinho*, além do acompanhamento teórico desses textos advindos de *Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil*, de Lajolo e Ceccantini (2008), *Monteiro Lobato e o leitor de hoje*, de Ceccantini e Martha (2008) e *Nem ponto nem vírgula: estudos sobre Monteiro Lobato*, de Silva (2007). Também aproveitamos para ler, em paralelo, a biografia feita por Edgard Cavalheiro, *Monteiro Lobato: vida e obra* (1955) e a feita por Azevedo, Camargos e Sacchetta: *Furacão na Botocúndia* (1997). Para esse semestre ainda leremos os textos *Hans Staden, Peter Pan, História do Mundo para as crianças e Emília no País da Gramática*.

Os alunos têm descoberto, com essas leituras, o processo de elaboração das obras lobatinas, bem como o quanto a formação de leitor extremamente competente foi de fundamental importância para o nascimento do escritor Lobato. Encontrar as referências à vida de Lobato na composição de seus textos infantis têm feito os alunos discutirem de forma bastante crítica a obra de Edgard Cavalheiro. Além disso, os outros textos teóricos têm sido muito úteis na descoberta de possíveis temas de trabalhos com as obras infantis bem como a forma a partir da qual elas podem ser lidas e trabalhadas em sala de aula.

Para o segundo semestre de 2010 esperamos terminar a leitura de toda a saga infantil e também ler e discutir *A Barca de Gleyre* (1964), obra que reúne toda correspondência de Lobato com Godofredo Rangel.

Muitos trabalhos de conclusão de curso têm nascido desses encontros e já temos, por iniciativa absolutamente própria, uma dupla de alunos desenvolvendo um projeto de contação de histórias a partir da obra de Lobato. O trabalho se intitula “A obra *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, como fonte irradiadora da literatura infantil”. Os jovens, uma vez por semana, às segundas-feiras, utilizam a aula de uma professora de Língua Portuguesa em uma escola municipal de Marabá para apresentar, via contação, o texto lobatiano. O objetivo maior da dupla é levar para essa sala de aula os textos infantis de Lobato. Para isso, pensaram em iniciar o trabalho através da contação e os resultados de aceitação da obra ultrapassaram as expectativas primeiras.

Os jovens têm estendido essa atividade a inúmeras outras que despertaram o interesse dos alunos dessa turma de terceiro ano do ensino fundamental.

Vale lembrarmos ainda o projeto de pesquisa da professora, autora desse texto, que visa levantar qual é o conhecimento que os professores da rede pública de Marabá têm de Monteiro Lobato e seu universo infantil (foram (ou são) leitores de Lobato?), além de averiguar se as bibliotecas escolares apresentam em seu acervo essas obras e se elas são utilizadas pelos professores. Esse trabalho está em fase de coleta de dados a partir de questionário já distribuído aos profissionais de ensino fundamental do quinto ao sétimo anos (antigas 4^a, 5^a e 6^a séries). Também estamos aguardando aprovação de projeto de extensão a ser desenvolvido com os professores frequentadores da Casa do Professor de Marabá a fim de, uma vez por mês, desenvolver oficinas sobre leitura da obra infantil de Lobato e de como levar esses textos, hoje, para a sala de aula.

Enfim, acrescentamos que, em última instância, esperamos conseguir parceria com a FNLIJ para o desenvolvimento de um curso de Especialização em Literatura Infantil, foco em Monteiro Lobato, e que tudo isso ocorreu graças ao incentivo da “Caravana de Leitura Monteiro Lobato”.

Referências

LOBATO, M. *Memórias da Emília*. São Paulo: Globo, 2007.

----- *O Minotauro*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

----- *Fábulas*. São Paulo: Globo, 2008a.

----- *A Chave do Tamanho*. São Paulo: Globo 2008b.

SILVA, V. M. T. *Literatura Infantil Brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2008.

VALENTE, T. A. A Chave do Mundo: o tamanho in LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L.(org.). *Monteiro Lobato Livro a Livro: Obra Infantil*. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.